

“O VELHO E QUERIDO CONDADO”: uma breve análise do papel do espaço rural em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*

7

“THE DEAR OLD SHIRE”: a brief analysis of the role of rural space in *The Hobbit* and *The Lord of the Rings*

Fellip Agner Trindade Andrade

Doutor em Letras: Estudos Literários – Teorias da Literatura e Representações Culturais (UFJF)
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

E-mail: agner.fellip@gmail.com

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6628-7233>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar uma breve análise do papel desempenhado pelo *cronotopo* rural nas obras do autor britânico J. R. R. Tolkien, tomando como exemplo a relação entre os hobbits, suas crenças e costumes, e suas terras rurais. Esse espaço/tempo rural é representado nas obras *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis* pelo Condado, um local pacífico e campestre no Oeste da Terra-média, longe dos problemas e das guerras além de suas cercas vivas. A vasta obra de Tolkien é famosa por sua forte relação com o espaço, a descrição detalhada da geografia e do tempo nos quais seus personagens estão inseridos, o que fica muito claro na relação entre os hobbits e o Condado. Por meio de trechos dos livros e de teorias acerca do espaço, este artigo brevemente apresenta e discute como o espaço rural criado por Tolkien e destinado a ser o lar dos hobbits dialoga de forma coerente com seus personagens, de forma a exercer uma forte influência sobre suas vidas, seus gostos e cultura. Um grande exemplo de como o *cronotopo* pode ser trabalhado na literatura de forma a estabelecer uma relação intrínseca à narrativa e aos seus personagens.

Palavras-chave: Cronotopo;. espaço literário; *O Hobbit*; *O Senhor dos Anéis*; Tolkien.

ABSTRACT

This article aims to present a brief analysis of the role played by the rural *chronotope* in the works of the British author J. R. R. Tolkien, taking

as an example the relationship between hobbits, their beliefs and customs, and their rural lands. This rural space-and-time is represented in *The Hobbit* and *The Lord of the Rings* by the Shire, a peaceful, country place in the West of Middle-earth, far from trouble and war beyond its hedges. Tolkien's vast work is famous for its strong relationship with space, the detailed description of the geography and time in which his characters are inserted, which is very clear in the relationship between the hobbits and the Shire. Through excerpts from the books and the theories about space, this article briefly presents and discusses how the rural space created by Tolkien and destined to be the home of the hobbits dialogues in a coherent way with his characters, in order to exert a strong influence on their lives, their tastes and culture. A great example of how the *chronotope* can be worked on in literature in order to establish an intrinsic relationship to the narrative and its characters.

Keywords: Chronotope; literary space; *The Hobbit*; *The Lord of the Rings*; Tolkien.

INTRODUÇÃO

A paisagem constitutiva de um lugar sempre exerceu influência pontual e significativa na construção das identidades e das características tanto físicas quanto psicológicas, culturais e comportamentais dos seres que o habitam. As peculiaridades ambientais de um local, sem dúvida, são capazes de influenciar as peculiaridades tanto físicas quanto culturais de seus habitantes ou, ainda, de seus desbravadores que, temporariamente, sofrem as ações desses espaços.

Na literatura, esse mesmo espaço, algumas vezes menosprezado, ou simplesmente minimizado a um *papel de parede* da narrativa, pode, em diversos outros trabalhos em que ele exerce todo o seu poder, dizer muito a respeito da história a qual pertence e, até mesmo, influenciá-la de forma significativa. Esse poder do espaço, em muitos trabalhos literários, caracteriza-se por sua presença forte e constante na narrativa e nos desdobramentos da história e de seus próprios personagens.

Mikhail Bakhtin, em seus estudos acerca do romance, chama de *cronotopo* a relação indissolúvel do espaço e do tempo. Segundo o teórico russo, a relação espaço/tempo não seria meramente uma descrição cronológica, mas um processo em contínua formação no qual se realizariam os acontecimentos (BAKHTIN, 2018). Sendo assim, o *cronotopo* seria o espaço/tempo no qual os acontecimentos ganham forma e se realizam, construindo as cenas no texto literário.

Uma das obras mais influenciadas por sua *cronotopia* é a obra de John Ronald Reuel Tolkien (1892-1973). O autor britânico, ilustre professor de Oxford, criou sua mitologia – famosa por sua ligação entre a narrativa e o espaço geográfico no qual ela se passa – em um mundo próprio, tido por ele mesmo como “um mundo secundário” (TOLKIEN, 2010, p. 37). Terras, reinos, cidades, cordilheiras, ilhas, rios, mares, desertos, pântanos, montanhas e colinas, todo um espaço criado para a ambientação de sua história; um espaço no qual sua narrativa e várias características de seus personagens se apoiam firmemente e de forma constante por toda sua obra.

“O VELHO E QUERIDO CONDADO”

Para iniciarmos esta breve análise a respeito do papel do espaço rural em *O Hobbit* (1937) e em *O Senhor dos Anéis* (1954-1955), precisamos fazer a seguinte reflexão: “É possível *ser sem estar*?” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 67, grifos dos autores).

De maneira geral, quando concebemos um determinado ente – seja humano ou não, animado ou inanimado –, criamos uma série de referências com as quais ele se relaciona de algum modo. Ou seja, imaginamos uma forma de *situá-lo*, atribuímos ao *ser* um certo *estar*. Ao realizarmos tal operação, estamos produzindo um *espaço* par o ser. Podemos dizer, em uma definição bastante genérica, que o espaço é esse conjunto de indicações – concretas ou abstratas – que constitui um sistema variável de relações. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 67, grifos dos autores)

Silvana Pessôa Oliveira e Luis Alberto Brandão Santos, professores de Estudos Literários na Universidade Federal de Minas Gerais, em seu livro, *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura* (2019), afirmam que se pode situar uma personagem ficcional: fisicamente (*espaço geográfico*), temporalmente (*espaço histórico*), em relação a outros personagens (*espaço social*), em relação às características existenciais (*espaço psicológico*), em relação às formas de expressão (*espaço de linguagem*), dentre outros (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 67-68). Esses espaços apontados pelos autores, e ainda outros, podem ser analisados em toda a obra de J. R. R. Tolkien, de seus primeiros escritos, ainda em rascunhos, até suas últimas publicações em vida.

Tolkien criou um mundo de paisagem própria e peculiar, com suas divindades, sua topografia, idiomas dos mais diversos, seres fantásticos e, até mesmo, uma botânica paralela à real. Eric Bronson, em seu capítulo, “Grandes pés peludos: um guia hobbit para a iluminação”, presente no livro *O Hobbit e a filosofia* (2012), realça o papel da paisagem nesse mundo, dizendo que: “As pessoas e os lugares são conectados de forma íntima, algo que Tolkien compreendia profundamente. ‘Sabidamente, comecei com um mapa, e fiz a história se encaixar nele’, disse o escritor sobre *O Senhor dos Anéis*” (IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 41).

Por essas palavras, pode-se perceber claramente a importância do espaço na obra de Tolkien, em especial, neste trabalho, os espaços que moldaram os eventos do final da Terceira Era¹ que culminaram com a história de *O Senhor dos Anéis*. O primeiro indício da grande influência da paisagem em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*, e, provavelmente, o mais claro e significativo, é o Condado.

J. R. R. Tolkien criou esse manso pedaço, no Oeste da Terra-média, baseado no lugar onde passou grande parte de sua infância, em Warwickshire, na Inglaterra. As características presentes, tanto na paisagem real, quanto na paisagem mitológica, apresentam forte impacto em seus habitantes, como se pode inferir pelas próprias palavras do autor – tido por ele mesmo como o próprio Hobbit, sua criação:

Nasci em 1892 e passei toda a infância numa região chamada “The Shire” [O Condado], numa época anterior à mecanização da lavoura. Em outras palavras, e o que importa ressaltar é que sou cristão (o que se pode inferir muito bem das minhas histórias), na verdade sou católico romano. Já este segundo “fato” pode não ser tão facilmente inferido... na verdade o que sou mesmo é um hobbit (em todos os aspectos, exceto pelo tamanho). Gosto muito dos jardins, árvores e lavouras não mecanizadas; fumo cachimbo e aprecio boa comida caseira... gosto dos trajes alinhados e tenho a pachorra de usar coletes, numa era tão sem graça, quanto a nossa. Amo cogumelos (colhidos diretamente do campo); meu senso de humor é coloquial (mesmo os meus críticos mais simpáticos costumam considerá-lo tedioso); costume ir dormir tarde e (de preferência) acordar tarde. Não sou de viajar muito. (DURIEZ, 1992, p. 253)

Bem como em Warwick – em sua infância, e toda a influência que isso, de alguma forma, exerceu sobre Tolkien –, tendo o autor uma vez

¹ Cronologia das Terras do Oeste. Ver: **O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei**, p. 371, Apêndice B.

reservado um tranquilo pedaço rural de “lavouras não mecanizadas” no Oeste da Terra-média para os hobbits, os habitantes reais da época de um – no início do século passado, na Inglaterra rural –, e os personagens fictícios do outro – de pés peludos e baixa estatura – não poderiam, de forma coerente, destoar do meio em que vivem e onde criaram história, seja no Condado de Tolkien ou no Condado de Bilbo, personagem principal de *O Hobbit*, como é possível perceber pelo trecho a seguir:

Eles [os hobbits] são (ou eram) um povo pequeno, com cerca de metade da nossa altura, e menores que os anões barbados. Os hobbits não têm barba. Não possuem nenhum ou quase nenhum poder mágico [...] Eles têm tendência a serem gordos no abdômen; vestem-se com cores vivas (principalmente verde e amarelo), não usam sapatos porque seus pés já têm uma sola natural semelhante a couro, e também pelos espessos e castanhos parecidos com os cabelos da cabeça (que são encaracolados); têm dedos morenos, longos e ágeis, rostos amigáveis, e dão gargalhadas profundas e deliciosas (especialmente depois de jantarem, o que fazem duas vezes por dia, quando podem). (TOLKIEN, 2009, p. 2)

Os hobbits, claramente, vivem daquilo que o meio lhes oferece e da forma que os influencia, seja nas cores de suas roupas, como as de seus jardins, nas cores de seus dedos, na lida com a terra, ou nas solas dos pés grossas como couro e nas gargalhadas profundas e alegres, tão características de um povo que vive longe de grandes problemas, não mais que os relacionados à terra e aos jantares – “o que fazem duas vezes por dia, quando podem.”

Porém, a influência do Condado nos personagens que o habitam não se resume ao riso ou à espessura da sola de seus pés. Em *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo* (2018), Bakhtin define seu conceito da seguinte forma:

Chamaremos de *cronotopo* (que significa “tempo-espço”) a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura. [...] importa-nos nesse termo a expressão de inseparabilidade do espaço e do tempo (o tempo como a quarta dimensão do espaço). (BAKHTIN, 2018, p. 11).

Podemos pensar, pois, a *cronotopia* como “uma dimensão formal

constitutiva das narrativas que define os rumos da trama na literatura, podendo-se inferir, portanto, da vida das pessoas” (MACÊDO; VIEIRA, 2015, p. 123). Sendo assim, podemos dizer que o espaço/tempo no qual os hobbits estão inseridos (ou seja, o Condado em tempos de paz) limita, ou, pelo menos, molda sua visão de mundo e suas perspectivas de vida. Ou, como bem afirma Bakhtin: “[...] em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho) [...]” (BAKHTIN, 2011, p. 225).

No Condado, onde os maiores perigos e estranhezas se limitam à margem oposta do rio Brandevin e aos costumes dos Brandebuques, suas crenças e suas culturas são, obviamente, condizentes com o espaço e o tempo nos quais elas se formam, uma vez que, “em tais cenários, cria-se um microcosmo em função do qual vão se definindo as condições históricas e sociais das personagens, onde é possível detectar a correlação funcional entre os ambientes, as coisas e os comportamentos” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 79). Ou, como ainda nos dizem os mesmos autores: “Só compreendemos que algo *é* ao descobrirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo *está*” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 68, grifos dos autores), como é possível perceber no trecho a seguir do diálogo entre o Velho Noques e Papai Doispé:

– Mas e esse Frodo que mora com ele? – perguntou o Velho Noques de Beirágua. – O seu nome é Bolseiro, mas ele tem muito dos Brandebuques, pelo que dizem. Eu não entendo o motivo pelo qual um Bolseiro da Vila dos Hobbits vai procurar uma esposa lá na Terra dos Buques, onde as pessoas são tão estranhas.

– Não é de admirar que sejam estranhas – acrescentava Papai Doispé (o vizinho de lado do Feitor) –, pois eles moram do lado errado do rio Brandevin e bem perto da Floresta Velha. Aquele é um lugar escuro e ruim, se metade das histórias for verdade. (TOLKIEN, 2000a, p. 22)

Os inúmeros perigos, muito piores, e os diferentes costumes do vasto mundo além do Condado não são levados em conta pelos hobbits, acostumados às mansas colinas e às suas confortáveis tocas. A conversa no Ramo de Hera, “uma pequena hospedaria na estrada de Beirágua” (TOLKIEN, 2000a, p. 22), caracteriza, de forma clara, a influência da pacificidade do *cronotopo* representado pelo Condado nas vidas e crenças dos hobbits, tanto na fala do Velho Noques, quanto na fala de Papai Doispé.

Outro trecho da conversa na hospedaria, com a mesma característica, se não mais pontual, é quando o Feitor afirma preferir

verduras e legumes a elfos e dragões.

– *Elfos e Dragões!*, eu digo para ele [Sam Gamgi, seu filho]. *Repolho com batatas é melhor para você e para mim. Não vá se misturar com os negócios que não são para o seu bico, ou você vai arranjar problemas muito grandes para você*, digo para ele. E posso dizer para outros – acrescentou ele, olhando para o estranho e para o moleiro. (TOLKIEN, 2000a, p. 24, grifos do autor)

É clara a preferência dos hobbits pela sua zona de conforto do que por aventuras e diferentes culturas, como a dos elfos, para citar apenas uma. O Condado, por si só, reveste seus habitantes de uma ignorância do mundo que beira a inocência. Quando o Feitor fala a respeito do mundo além do Condado pelas palavras de outros, “em lugares distantes, onde há montanhas de ouro, dizem por aí” (TOLKIEN, 2000a, p. 24), a percepção dessa influência e da comodidade da paisagem que os cerca se torna ainda mais clara.

“O Louco Bolseiro” (TOLKIEN, 2000a, p. 43) e seu avô, o Velho Tûk, além de alguns outros parentes do mesmo clã, foram, certamente, uns dos hobbits mais aventureiros da história do Condado, se não os únicos além de Frodo, Sam, Merry e Pippin, os quais, de uma forma menos voluntária e mais ao acaso, ainda enfrentariam aventuras desmedidas e cabulosas demais para os frequentadores do Ramo de Hera, mais preocupados com a temperatura da cerveja, o gosto do fumo e as histórias de família, do que “*com os negócios que não são para o seu bico*”. Esse número reduzido de hobbits aventureiros talvez seja o maior indício de acomodação ao espaço/tempo nos quais estão inseridos: tranquilo e longe de guerras – que não fossem aquelas familiares, é claro.

Com um número estatístico tão minimizado, essa característica aventureira de Bilbo e seu “lado Tûk” (TOLKIEN, 2009, p. 17) são vistos com maus olhos pelos habitantes do Condado, principalmente os moradores da Vila dos Hobbits, muito influenciados pela passividade da *cronotopia* representada pelo espaço rural do Condado. Após o desaparecimento de Bilbo, em sua magnífica festa de aniversário, essa insatisfação por seu gosto por aventuras se acentua ainda mais nos comentários que se seguem ao seu discurso e à sua súbita invisibilidade: “Sempre disse que ele era louco” foi provavelmente o comentário mais comum” (TOLKIEN, 2000a, p. 31).

Provavelmente, o ponto mais característico e claro do estado passivo que a paisagem do Condado exerce sobre os hobbits seja a sua conformação frente ao fato de que a festa continuou, com ou sem

o aniversariante. Desde que houvesse comida e bebida, os hobbits estariam dispostos a perdoar as esquisitices de Bilbo. É simplesmente a influência do meio, pacato e distinto, em suas concepções do que é certo ou errado, viável ou não, sábio ou imprudente, como podemos perceber no trecho a seguir.

Mesmo os Tûks (com algumas poucas exceções) acharam o comportamento de Bilbo absurdo. Naquele momento a maioria deles ficou achando que o seu desaparecimento não passava de mais uma traquinagem ridícula.

Mas o velho Rory Brandebuque não tinha certeza. Nem a idade nem aquele enorme jantar tinham nublado suas faculdades mentais, e ele disse à sua nora Esmeralda: – Tem algo suspeito aí, querida! Acho que o louco do Bolseiro partiu novamente. Velho bobo. Mas por que nos preocuparmos? Ele não levou as provisões com ele. – E gritou para Frodo mandar mais uma rodada de vinho. (TOLKIEN, 2000a, p. 31)

Porém, a influência do Condado não se limita às famílias hobbits mais tradicionais ou ao velho Rory Brandebuque. O próprio “louco do Bolseiro” – o mesmo “velho bobo” que havia enfrentado um dragão na Montanha Solitária e salvara seus companheiros anões por mais de uma vez – um dia, há sessenta anos atrás, disse a Gandalf o quão absurdo eram as aventuras, quando este último lhe ofereceu participação na aventura com os anões, dispostos a recuperar seu ouro roubado pelo dragão Smaug, O Magnífico:

[...] Estou procurando alguém para participar de uma aventura que estou organizando, e está muito difícil achar alguém.

– Acho que sim, por estes lados! Nós somos gente simples e acomodada, e eu não gosto de aventuras. São desagradáveis e desconfortáveis! Fazem com que você se atrase para o jantar! Não consigo imaginar o que as pessoas vêem nelas – disse o nosso Sr. Bolseiro, colocando um polegar atrás dos suspensórios e soprando outro anel de fumaça ainda maior. (TOLKIEN, 2009, p. 4)

Foi preciso Bilbo deixar não apenas suas concepções, mas o próprio Condado, para que pudesse mudar sua visão acerca de aventuras, as quais o fizeram, por mais uma vez, partir de sua terra, fazendo com que “nunca mais fosse visto por nenhum Hobbit na Vila dos Hobbits novamente” (TOLKIEN, 2000a, p. 32). Como nos dizem os professores Silvana Pessoa Oliveira e Luis Alberto Brandão Santos, olhar o espaço por

essa perspectiva de forte influência nos desdobramentos da história e da vida dos personagens (e das pessoas), “também permite pensar o espaço enquanto lugar que abarca tanto configurações sociais – o chamado espaço social – quanto configurações psíquicas – o espaço psicológico” (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 79).

A mudança de paisagem na vida de Bilbo fez com que ele mudasse completamente sua visão de mundo e suas convicções adquiridas no Condado. Ver e, por que não, sentir o mundo além das cercas-vivas da Quarta-leste, fez com que Bilbo, mais uma vez, desejasse as Montanhas, como ele mesmo diz a Gandalf, em Bolsão, antes de partir. Se Bilbo Bolseiro não tivesse, há sessenta anos atrás, mudado a paisagem que compunha sua história, ele jamais ansiaria pelo mundo além do Condado; jamais veria as Montanhas com seus próprios olhos, e, muito provavelmente, continuaria, como o Feitor, a descrever o mundo pelos olhos de outros, acreditando nas montanhas feitas de ouro, sem sequer vislumbrá-las como, de fato, realmente são, mesmo no mais distante dos horizontes.

“Somos gente simples e acomodada.” As próprias palavras de Bilbo reafirmam a influência “de todo o velho e querido Condado” (TOLKIEN, 2000a, p. 25) em seus costumes e sua visão de mundo. Os hobbits talvez sejam os seres mais influenciados pela paisagem em *O Senhor dos Anéis*, tanto no Condado quanto fora dele.

Uma ironia – se é que se pode dizer dessa forma – é que suas vidas no velho e manso Condado moldaram seus medos e preconceitos, bem como suas habilidades que tanto foram postas à prova na grande jornada pela Terra-média, fosse por suas várias refeições ao dia ou por sua habilidade de se esconderem; ou, até mesmo, as transgressões de seus costumes, como a curiosidade de Pippin, ao manusear o Palantír, a pedra na qual o Senhor do Escuro, Sauron, se comunicava com o mago Saruman; e a ousadia de Merry ao enfrentar o Espectro do Anel, Senhor dos Nazgûl, o qual nenhum homem era capaz de matar; sem contar a fibra moral e a resistência que revestem os hobbits, mesmo criados em um lugar tão distante das guerras e dos grandes homens de nome e poder: “Podem ser moles como manteiga, porém às vezes duros como velhas raízes de árvores” (TOLKIEN, 2000a, p. 50).

“Com muita frequência, o conforto prejudica as avaliações interiores”, disse Lance Armstrong. Fica claro, com as ações de Bilbo, que

é preciso deixar a casa para que se possa vê-la, sentir saudades tanto de casa quanto da Estrada; mudar de paisagem para que possamos ver a nós mesmos, nossas qualidades e nossos defeitos, nossas virtudes e preconceitos. Tolkien trabalha, dessa forma, tanto a presença quanto a falta do espaço nativo, além do bom e do ruim do meio em que vivem e as relações mútuas entre os personagens e as paisagens, fixas e intermediárias.

“O EXPURGO DO CONDADO”

No capítulo, “O Expurgo do Condado”, os quatro hobbits finalmente retornam à sua terra, vestidos em armaduras e portando espadas. As figuras se tornam absurdamente destoantes do meio. Contudo, mais uma vez, o espaço se encarrega de encaixá-los, independentemente de suas aparências. Aqui, o espaço aparece, claramente, em duas concepções: física e emocional, tanto quanto a diferença – ou a semelhança – entre *território* e *nação*.

Os hobbits retornam ao Condado e o encontram completamente mudado, em ambos os espaços, físico e psicológico: casas novas e feias, queimadas espalhadas pelo caminho e árvores cortadas por todo o Condado; além ainda dos Condestáveis, uma espécie de polícia dos bons costumes, composta por hobbits e implantada por Charcote, o mago Saruman, que toma o Condado para si e o degrada completamente, tanto fisicamente quanto no pensamento de coletividade, de pertencimento; além de todas as novas regras impostas pelo Chefe e os impiedosos “Homens do Chefe”: homens grandes que, a mando de Saruman, prendiam e matavam os hobbits descontentes com o novo regime.

Quando os hobbits chegam ao Condado, antes mesmo de atingirem a Vila dos Hobbits e Bolsão (a colina onde morava Frodo), eles são barrados nos portões e são censurados por seus atos. Não bastasse a desconfiança natural dos hobbits, Frodo, Sam, Pippin e Merry retornam em roupas de cavaleiros e com seus rostos austeros, além do fato de os dois últimos estarem mais altos que o normal para um hobbit, graças à bebida que receberam de Barbárvore, a qual os fez crescer. Tudo estava mudado, desde o espaço físico ao espaço da psique coletiva, como é possível perceber pelo trecho a seguir de *O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei*:

A noite já caíra quando, molhados e exaustos, os viajantes finalmente atingiram o Brandevin, encontrando o caminho bloqueado. Em cada extremidade da ponte havia um grande portão cheio de pontas; do outro lado do rio via-se que

algumas novas casas haviam sido construídas: com dois andares e janelas retas e estreitas, sem adornos e mal iluminadas, tudo muito sombrio e nada parecido com o Condado. (TOLKIEN, 2000b, p. 280)

Diferentemente da descrição do início da narrativa, o Condado agora é um espaço degradado, desmatado, coberto por fumaça e cheiro ruim, o rio está poluído e o lugar não pode mais ser reconhecido por aqueles que o haviam deixado em condições melhores. Se não bastasse a relação inicial entre os hobbits e o espaço rural no qual viviam, essa diferença entre a *cronotopia* inicial e a final é uma forte afirmação da ligação entre os personagens e o espaço no qual estão ou estiveram. O Condado se tornou um lugar feio, sombrio e ruim, assim como os novos ocupantes do lugar, uma relação intrínseca entre as pessoas e o espaço/tempo no qual elas vivem, como demonstra o trecho destacado:

Os viajantes avançaram trotando, e, quando o sol começou a descer na direção das Colinas Brancas, lá longe no horizonte ocidental, eles chegaram a Beirágua, pelo caminho do amplo lago, e foi ali que tiveram o primeiro choque realmente doloroso. Esta era a terra de Sam e Frodo, e os dois agora percebiam que se preocupavam mais com ela do que com qualquer outro lugar no mundo. Muitas das casas que conheciam estavam faltando. Algumas pareciam ter sido incendiadas. As belas e antigas tocas de hobbits [...] e seus pequenos jardins, que costumavam descer verdejantes até a beira da água, estavam cheios de mato. Pior ainda, havia toda uma fileira de casas novas e feias [...] Antes houvera uma avenida de árvores naquele ponto. Agora não restava uma sequer. E, olhando frustrados estrada acima, na direção de Bolsão, eles viram a distância uma alta chaminé feita de tijolos. Derramava fumaça preta no ar da noite. (TOLKIEN, 2000b, p. 285)

Essa mudança drástica ocorrida, não apenas no Condado, mas também na vida dos hobbits, tem forte ligação com a noção de espaço e pertencimento. Os hobbits viajantes retornam diferentes de como quando haviam deixado o Condado, pois a jornada já os havia mudado, a longa Estrada, o mundo além das cercas vivas de sua terra natal; mas também os habitantes dessa terra não eram mais os mesmos, assim como o próprio condado havia mudado drasticamente. Ainda que os hobbits aventureiros retornassem sem nenhuma modificação ocasionada pela jornada (o que seria incoerente à construção da obra e à importância do

espaço/tempo nesta), eles não seriam capazes de reconhecer naquele “novo” *cronotopo* a mesma terra que haviam deixado para trás.

Quanto a isso, o próprio autor, no prefácio de *O Senhor dos Anéis*: a Sociedade do Anel, afirma que:

[...] algumas pessoas supuseram que “O expurgo do Condado” reflete a situação da Inglaterra na época em que eu terminava minha história. Isso não é verdade. Esse capítulo é uma parte essencial do enredo, previsto desde o início, embora neste episódio tenha sido modificado pelo modo como o caráter de Saruman se configura na história, sem, é preciso que eu diga, qualquer significado alegórico ou referência política de qualquer tipo. Ele tem de fato alguma base na experiência, embora pequena [...] e muito anterior. O lugar em que vivi na infância estava sendo lamentavelmente destruído antes que eu completasse dez anos, numa época em que automóveis eram objetos raros (eu nunca tinha visto um) e os homens ainda estavam construindo ferrovias suburbanas. Recentemente vi num jornal a fotografia da ruína do outrora próspero moinho de milho ao lado de seu lago que muito tempo atrás me parecia tão importante. (TOLKIEN, 2000a, p. XIV)

A identidade de um povo, e, no caso, dos personagens, se constrói a partir de um referencial físico. O espaço físico, por mais concreto que seja, estimula o espaço abstrato e psicológico que se dá da interação entre os personagens e tudo aquilo que os circunda. Oliveira e Santos afirmam que:

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de *posicionamentos* reativos, em um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser *é* porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente à medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, à medida que o localizamos. Só compreendemos que algo *é* ao descobirmos onde, quando, como – ou seja: em relação a quê – esse algo *está*. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 68, grifos dos autores)

A dissonância entre os hobbits viajantes e os hobbits que permaneceram no Condado e foram influenciados pelas mudanças impostas no lugar ressalta o sentimento de pertencimento dos quatro amigos. Os companheiros de jornada retornam e lideram uma rebelião

contra Saruman. São eles, os que por muito tempo foram forasteiros, que retomam o senso comum de sociedade. Eric Bronson, professor convidado no Departamento de Humanas na York University, em Toronto, falando a respeito desse câmbio entre *pessoa e lugar* – aqui, *personagem e espaço* – afirma que:

Desde Dostoiévski, os filósofos ocidentais ressaltam essa ambivalência de lugar confrontando as pessoas modernas. Pensadores famosos procuraram diversas soluções para esse dilema moderno. Friedrich Nietzsche (1844-1900) encontrou esperança na arte, Simone de Beauvoir (1908-1986) delineou uma “moral da ambiguidade” e Jürgen Habermas (nascido em 1929) exigiu uma autêntica comunicação com os outros. Tolkien, entretanto, sempre desconfiou de soluções modernas para problemas modernos. Para o professor de Oxford que confrontou os horrores da Primeira Guerra Mundial, o lugar ainda importava. E, se seus conterrâneos estavam se sentindo desconectados, não precisavam ler um monte de livros de filosofia para aplacar sua angústia existencial. O que mais precisavam era sair de casa e fazer uma caminhada. (IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 40)

Isso se reforça em *O Senhor dos Anéis*, se pensarmos no fato de Passolargo, um “andarilho” do Norte, ter se tornado rei. Aragorn – seu verdadeiro nome – era, de fato, herdeiro do trono de Gondor, porém, passara toda a sua vida como andarilho. Segundo Eric Bronson, “essas andanças ajudam Passolargo a compreender sua verdadeira identidade, o que é mais do que a maioria das pessoas pode dizer sobre si” (IRWIN; BASSHAM; BRONSON, 2012, p. 45). Estar conectado com o espaço se torna crucial em toda a história de *O Senhor dos Anéis*, seja essa conexão permanente, como no caso dos hobbits e o Condado, ou temporária, como no caso dos membros da Comitiva do Anel, os quais se veem constantemente conectados a diversos espaços que se diferem da zona de conforto de cada um deles; culminado, assim, em um paradoxo entre o novo e o velho, o conhecido e o desconhecido, a curiosidade e a certeza, o certo e o duvidoso. Contudo, bem como nas relações sociais e no real contato com novos espaços, somos levados, instintivamente, a absorver as mudanças e a quebrar paradigmas.

A literatura, [...] propõe que se questione a primazia dos espaços concretos sobre outros tipos de espaço – comumente denominados de espaços subjetivos,

imaginários, ficcionais, abstratos, etc. Melhor dizendo: a literatura costuma interrogar a certeza que possuímos quando acreditamos na concretude dos espaços. Não se trata de negar a existência do espaço físico, mas de chamar atenção para o fato de que é impossível dissociar, do espaço físico, o modo como ele é percebido. (OLIVEIRA; SANTOS, 2019, p. 69)

É possível, em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*, depreendermos o papel do espaço construído pela história e, ao mesmo tempo, construtor dela. Na longa história contada por Tolkien, o espaço, ainda que exercendo uma enorme influência geográfica, deixa seu plano puramente físico e se instala na história quase que como um personagem, ou, pelo menos, um grande fio condutor da narrativa, de seus acontecimentos e das relações entre os seus personagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como demonstrado por meio dos trechos selecionados e analisados de *O Hobbit* e *O Senhor dos Anéis*, a obra de Tolkien estabelece forte relação com a *cronotopia* nas quais seus personagens estão inseridos, em especial, neste artigo, a relação entre os hobbits e o Condado. Não bastasse a deferência pessoal do autor em relação à paisagem e aos espaços geográficos na criação de seu projeto literário, a qual é explicitada em suas cartas e entrevistas, a forte descrição do espaço e do tempo em suas obras e a própria relação estabelecida entre a narrativa, os personagens e esses *cronotopos*, deixam bem claro o papel importante do espaço na condução da história.

Assim como outros personagens e criaturas da grande obra de Tolkien, os hobbits são o retrato do espaço no qual estão inseridos, e se apresentam como o primeiro sinal de que essa forte ligação entre personagens e espaços seguirá por toda a narrativa, a qual, deve-se destacar, trata-se de uma jornada, um caminho por meio da Estrada e dos vários cenários que aguardam à frente.

Percebe-se, por meio de várias das suas ações condutoras em *O Hobbit* e em *O Senhor dos Anéis*, que não cabe ao espaço ser minimizado a um papel de parede ou a um simples pano de fundo que tenha o único objetivo de localizar uma história espacialmente, pois seu papel pode ir muito além de bússola imperceptível presente na história, ou de um cenário que sirva apenas de elemento decorativo, exercendo seu poder influenciador nos acontecimentos da narrativa e nas relações concretas e subjetivas de seus personagens.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. “O tempo e o espaço nas obras de Goethe”. In: _____. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 225-261.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2018.

DURIEZ, Colin. **Manual de J. R. R. Tolkien**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. Trecho disponível em: <http://www.cslewis.com.br/2010/02/apresentando-j-r-r-tolkien/>

MACÊDO, G.; VIEIRA, N. A experiência da unidade espaço-tempo na literatura e na psicologia. In: **Bakhtiniana**, n. 10, v. 1, São Paulo, 2015, p. 119-136.

OLIVEIRA, Silvana Pessôa. SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: a Sociedade do Anel**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: o Retorno do Rei**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves e Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

TOLKIEN, J. R. R. **Sobre contos de fadas**. São Paulo: Conrad, 2010.

IRWIN, William (editor). BASSHAM, Gregory & BRONSON, Eric (orgs.) **O Hobbit e a filosofia**. Tradução de Joana Faro. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

SUBMETIDO EM: 27/10/2022

ACEITE EM: 11/12/2022